

LUTO E MELANCOLIA NAS MÚSICAS DE LEGIÃO URBANA: “DEZESSEIS” E “VENTO NO LITORAL”

Natanael Duarte Azevedo (UFPB)
José Temístocles Ferreira Júnior (UFRPE)

Considerações iniciais

O presente artigo busca, por meio da linguagem (semiótica) e do inconsciente (psicanálise freudiana), analisar no discurso presente nas músicas “Dezesseis” e “Vento no litoral”, da banda de rock nacional Legião Urbana, elementos que (re)velam o traço de luto e a presença da melancolia na construção musical. Utilizamos a expressão “(re)velam” porque entendemos que o no discurso presente nas músicas ao mesmo tempo em que **vela** os traços de enlutamento e melancólicos, **revela** pela construção enunciativa uma produção de sentido advinda de uma constituição de sujeito na e pela linguagem. Tomaremos como suporte teórico para fundamentação de nossa análise conceituações significativas de Freud (2011 [1917]) acerca da melancolia e do luto.

Traçaremos o seguinte percurso em nossa investigação: 1) Inicialmente, propomos uma análise semiótica da música “Dezesseis”; 2) Em seguida, tentaremos apontar uma possível relação entre a constituição subjetiva enlutada ou melancólica com a análise semiótica da música “Dezesseis”; 3) Em uma próxima etapa, analisaremos a música “Vento no litoral” pelo mesmo viés da semiótica; 4) Construiremos um quadro psicanalítico, revelando marcas de luto e de melancolia da música “Vento no litoral”.

Gostaríamos de ressaltar que o foco de nossa análise semiótica se dá nas estruturas narrativas (ou nível narrativo), não nos interessando para esse momento da pesquisa as estruturas fundamentais e discursivas. Justificamos que uma análise mais completa, envolvendo as estruturas fundamentais, narrativas e discursivas, exige uma leitura mais profunda da teoria e uma análise mais complexa. Esse não é o foco e nem a proposta de um artigo dessa natureza, por isso fizemos um recorte teórico, priorizando apenas as estruturas narrativas.

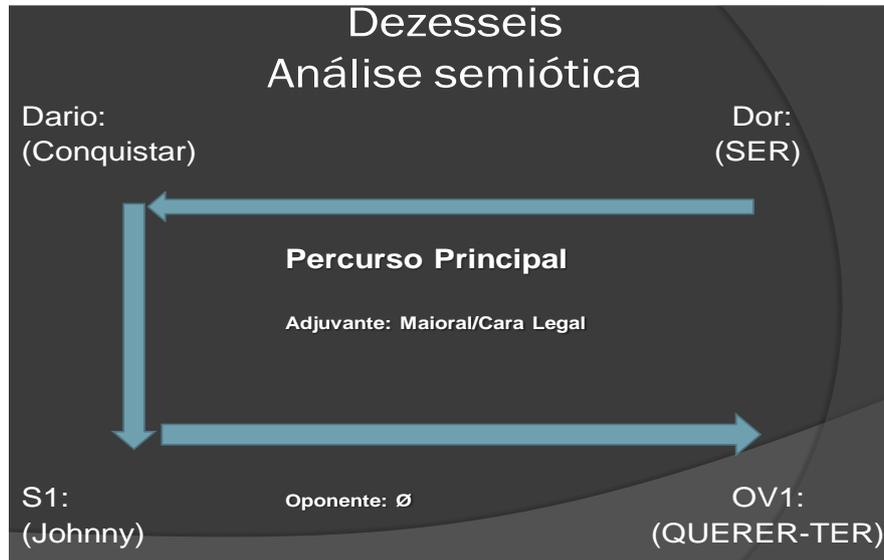
Dezesseis: um diálogo possível entre a semiótica e a psicanálise

Interessa-nos do nível narrativo a construção em que vemos a presença do homem e a sua relação com os valores e a produção de sentido na construção musical, uma vez que vislumbramos traçar o percurso do Sujeito¹ em direção ao seu objeto de Valor. Segundo Rodrigues¹ (2013, p. 2):

O nível das estruturas narrativas é a etapa intermediária do percurso gerativo do sentido de um texto e, nele, representam-se ou simulam-se, como em um espetáculo, o fazer do homem que transforma o mundo, suas relações com os outros homens, seus valores, aspirações e paixões.

¹ In material de aula: RODRIGUES, Hermano de França. *Esquema de estudo: Semiótica*.

De acordo com o exposto pelo autor, verificamos o percurso traçado por Johnny, personagem da música “Dezesseis”, e a relação que este mantém com o seu objeto de valor. Vejamos no gráfico abaixo os elementos que constituem o Percurso Principal da estrutura narrativa:



Os elementos que compõem o Percurso Principal são: **Dor** (Destinador), **Dario** (destinatário), **S1** (sujeito), **Adjuvante**, **Oponente** e **OV1** (objeto de valor¹). Em nossa análise, optamos por trabalhar com o **S1** representado pelo personagem Johnny. Salientamos que a música ² “Dezesseis” conta a história de Johnny, um jovem que vivia cercado de mulheres e amigos, mas, após uma desilusão amorosa, se envolve em um acidente automobilístico, causando a sua morte.

Em nosso Percurso Principal, vemos que o **S1** (Johnny) tem como **OV1** (objeto de valor¹) “Querer-Ter”, mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** precisa se relacionar com os outros elementos do percurso. Ou seja, para conseguir o **OV1**, Johnny tem como **Dor** o “SER”, uma vez que, na narrativa, vemos que os outros colegas consideravam Johnny um “cara” de muito valor, “Jhonn Roberto era o maioral”. O **Dario**, por sua vez, é “Conquistar”, pois Johnny tinha “esse dom natural” de conquistar os outros, “Conquistava as meninas/E quem mais quisesse ter”. Como **Adjuvante**, o elemento que auxilia o **S1** nas suas aspirações ao **OV1**, temos o fato de Johnny ser o “Maioral/Cara legal”. Pela construção do personagem, observamos que não há um **Oponente**, o elemento que busca dissuadir o **S1** da conquista do **OV1**.

Vejamos como se dá esse mesmo Percurso Principal, mas agora por uma abordagem psicanalítica:

² As duas músicas analisadas, “Dezesseis” e “Vento no litoral” estão na íntegra nos anexos do trabalho.



Percebemos que no Percurso Principal, de base psicanalítica, o **S1** (Johnny) tem como **OV1** (objeto de valor¹) a falta do “Objeto de Desejo”³, mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1**, Johnny, tem como **Dor** a “Melancolia”, uma vez que, na narrativa, vemos que Johnny não conseguiu superar a perda de objeto de amor, “E o que dizem que foi tudo/ Por causa de um coração partido”. O **Dario**, por sua vez, é “Desânimo profundamente doloroso”⁴, uma vez que Johnny não conseguiu superar o trauma de ser ignorado pela amada. Como **Adjuvante** temos “A recusa do amor”, pois apesar de ser um grande conquistador, Johnny não conseguiu êxito com o seu amor. Pela construção do personagem, observamos, novamente, que não há um **Oponente** que se oponha ao sujeito na obtenção do **OV1**.

É por essa via da perda da amante (pessoa amada/objeto de desejo) que discutiremos questões relativas às reflexões freudianas acerca da melancolia e do luto. Para tanto, faz-se necessário realizar uma breve discussão teórica sobre os estados psíquicos do melancólico e do enlutado.

Para Freud (2011 [1917]), perder o objeto amado faz com que o enlutado fique aprisionado ao sofrimento de todas as lembranças do que foi vivido com o morto e como defesa, o enlutado busca se esquivar da realidade. Consideramos o termo “morto” no sentido da perda de algo/alguém.

Ao enlutado, as lembranças incomodam, mas por outro lado, verificamos que o sujeito tem dificuldade de sair dos entornos que lhe remetem ao objeto amado (garota que não se entregou aos galanteios de Johnny).

³ “Isso nos levaria a **relacionar a melancolia com a perda de objeto que foi retirada da consciência**, à diferença do luto, no qual nada do que diz respeito à perda é inconsciente”. (FREUD, 2011, p. 51 – o destaque é nosso)

⁴ “O luto profundo, a reação à perda de uma pessoa amada, contém o mesmo estado de ânimo doloroso, a perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que este não faz lembrar o morto –, a perda da capacidade de escolher um novo objeto de amor – em substituição ao pranteado – e o afastamento de toda e qualquer atividade que não tiver relação com a memória do morto”. (FREUD, 2011 [1917], p. 47)

Para Kehl (2011), em sua apresentação sobre o texto *Luto e Melancolia*⁵, de Freud, ao enlutado cabe a dor de ser retirado bruscamente um lugar em que vivia junto ao seu objeto de desejo:

Ter sido arrancado de uma porção de coisas sem sair do lugar: eis uma descrição precisa e pungente do estado psíquico do enlutado. A perda de um ser amado não é apenas perda do objeto, é também a perda do lugar que o sobrevivente ocupava junto ao morto. Lugar de amado, de amigo, de filho, de irmão. (KEHL, 2011, pp. 18-19)

Aparentemente, somos levados a acreditar num sofrimento comum ao se deparar com a perda da pessoa amada, mas a música “Dezesseis” nos revela algo além do mero sofrimento. Vemos a partir de alguns recortes que a música dá indícios de um estado psíquico mais próximo da melancolia, que para Freud (2011 [1917]) se aproxima do luto, mas com características mais intensas.

Mas de uns tempos prá cá
Meio que sem querer
Alguma coisa aconteceu
Johnny andava meio quieto demais
Só que quase ninguém percebeu
Johnny estava com um sorriso estranho
Quando marcou um super pega no fim de semana

(LEGIÃO URBANA)

Discutiremos, para uma melhor exemplificação, as diferenças tópicas entre o luto e a melancolia. Para Freud (2011 [1917]), enquanto que “O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.”. (FREUD, 2011 [1917], p. 47), a melancolia se distinguirá do luto porque a dor não está no outro, mas no *eu*:

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminação e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição. (FREUD, 2011 [1917], p. 47)

Podemos então afirmar aqui, assim como o fez Freud, que a distinção mestra entre luto e melancolia é que esta se configura no inconsciente enquanto que aquele é da ordem da consciência: “Isso nos levaria a relacionar a melancolia com a perda de objeto que foi retirada da consciência, à diferença do luto, no qual nada do que diz respeito à perda é inconsciente”. (FREUD, 2011 [1917], p. 51)

⁵ Maria Rita Kehl faz a apresentação da tradução brasileira, de Marilene Carone, do texto *Luto e Melancolia*, de Freud. Ver referência completa no final do artigo.

Apesar da característica da falta de interesse no mundo externo, comum tanto no luto como na melancolia, o sujeito melancólico inicia uma autodepreciação para punir o *eu*, ato inconsciente, muitas vezes de forma extremada, como bem nos afirma Kehl (2011):

[...] os melancólicos parecem sentir necessidade de alardear suas baixeiras e sua indignidade. Debatem-se em autoacusações delirantes sem saber que os insultos furiosos voltados contra si próprios em verdade correspondem às características de alguma outra pessoa – daí a força de expressão encontrada por Marilene Carone: “para eles, queixar-se é dar queixa”. Se “a sombra do objeto” encobre o ego, isso indica a base narcísica do investimento (forte fixação; baixa resistência) e a identificação precoce do ego com o objeto perdido. A superposição desses dois aspectos traz à luz todos os tormentos característicos da ambivalência amorosa, que nos melancólicos é experimentada com grande intensidade. (KEHL, 2011, p. 20)

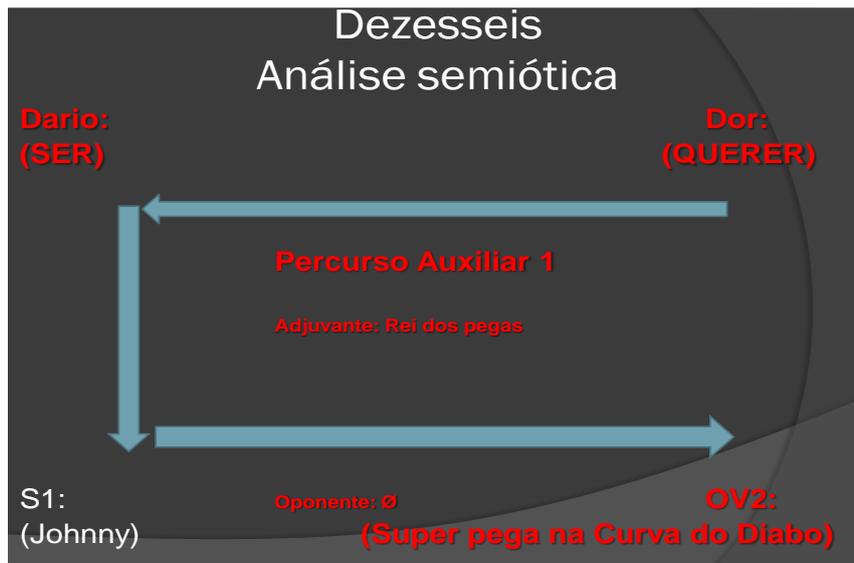
A humilhação imposta pelo sujeito melancólico é um ato sádico contra o corpo e a psique do melancólico, e como todo ato sádico a humilhação traz prazer para o sujeito: “A satisfação sádica em insultar e humilhar o ego provém de uma de suas funções específicas, a consciência moral ou o superego”. (KEHL, 2001, p. 20)

Assim como foi posto por Kehl (2011), verificamos o ato sádico de automutilação como punição do corpo, como destruição da representação do *eu*, o próprio corpo, tomado como impuro, indigno, imprestável. Essa condição do melancólico demonstra que “o doente descreve o seu ego como indigno, incapaz e moralmente desprezível; ele se recrimina, se insulta e espera ser rejeitado e castigado.” (FREUD, 2011 [1917], p. 53). Essa representação do castigo imposto ao *eu* fica bem figurado na cena do “pega”, a construção do suicídio de Johnny:

E Johnny disse:
 "- Eu vou prá curva do Diabo em Sobradinho e vocês ?"
 E os motores saíram ligados a mil
 Prá estrada da morte o maior pega que existiu
 Só deu para ouvir, foi aquela explosão
 E os pedaços do Opala azul de Johnny pelo chão

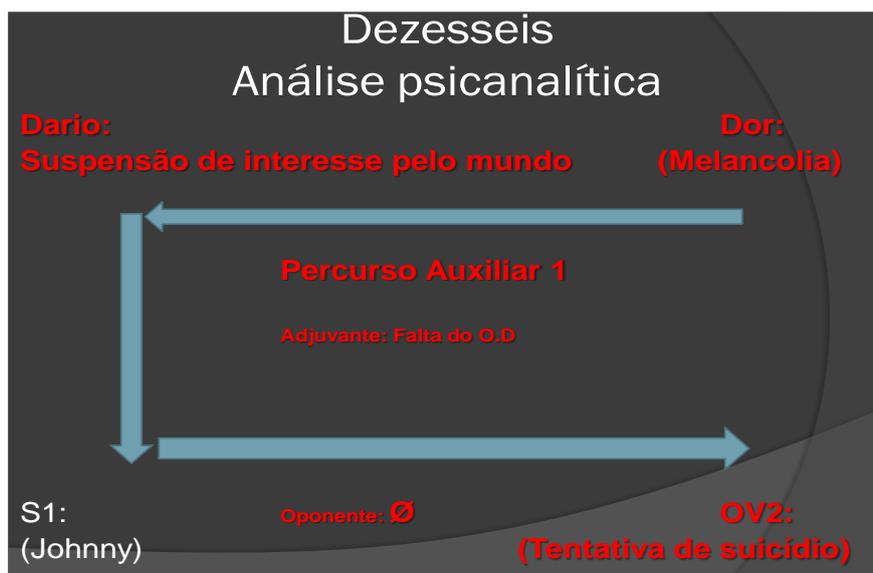
(LEGIÃO URBANA)

Vejamos agora a produção de sentido presente na relação entre os Percursos Auxiliares pela ótica semiótica e, em seguida, psicanalítica.



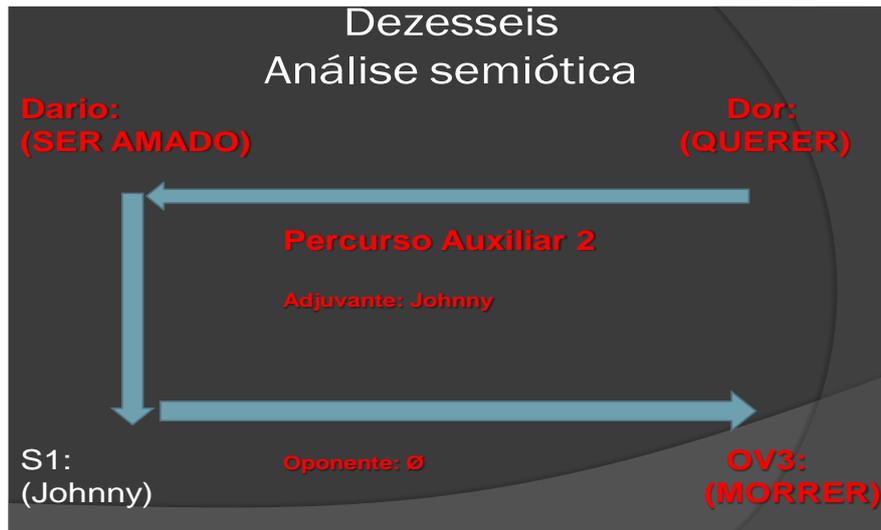
No Percurso Auxiliar 1, de base semiótica, vemos que o **S1** (Johnny) tem como **OV2** “Super pega na Curva do Diabo”, mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** tem como **Dor** o “QUERER”. O **Dario**, por sua vez, é “SER”. Como **Adjuvante** temos o fato de Johnny ser o “o Rei dos pega”. Novamente não há um **Oponente** nesse nosso percurso. Johnny para obter o seu **OV2** precisa convencer os outros participantes a correrem na Curva do Diabo, daí ter como **Dor** o desejar querer, apoiado pelo poder de conquista, uma vez que Johnny era considerado “o cara” (**Dario** = SER). Com o auxílio de sua fama de grande corredor de “pega” (**Adjuvante**), Johnny convence os amigos a participarem dessa corrida arriscada.

Vejamos a relação existente entre o Percurso Auxiliar 1, de base semiótica, com o Percurso Auxiliar 1, de base psicanalítica.

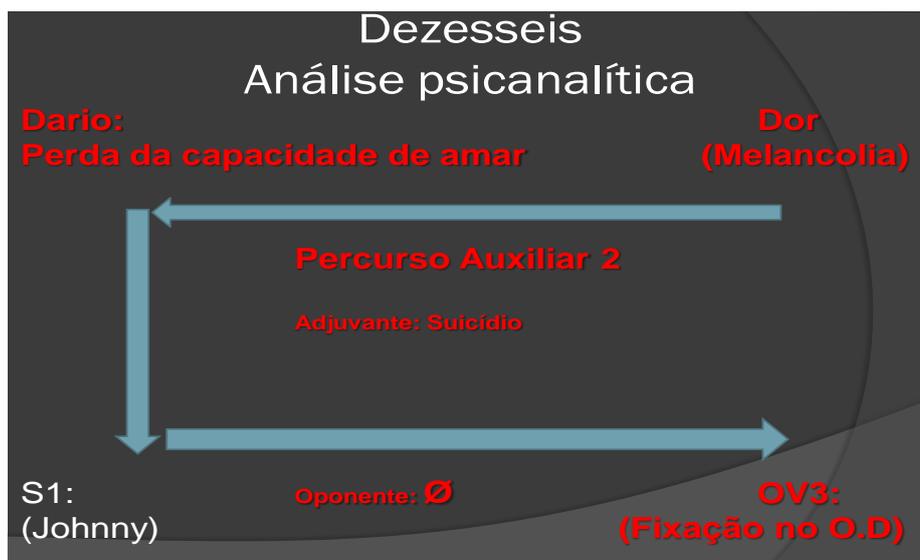


No Percurso Auxiliar 1, de base psicanalítica, vemos que o **S1** (Johnny) tem como **OV2** a “Tentativa de suicídio”, mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** tem

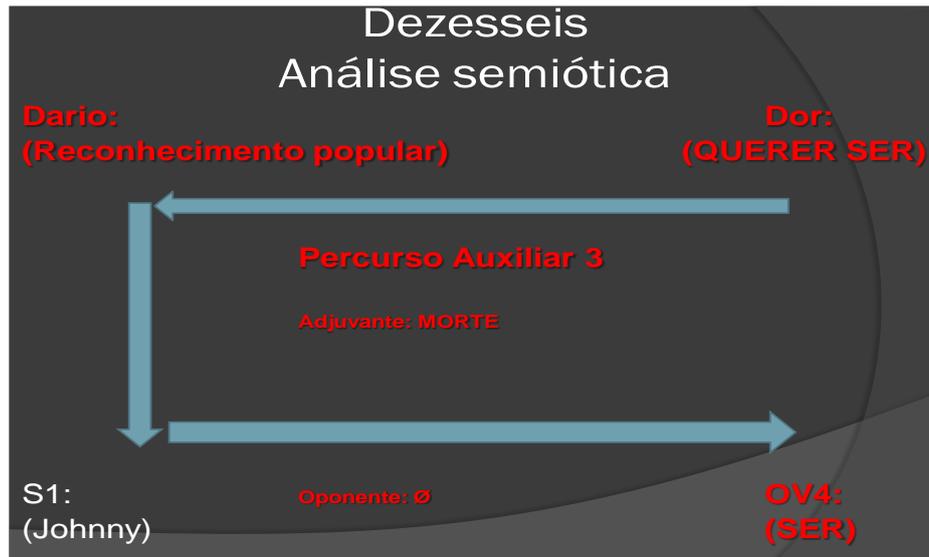
como **Dor** o “Melancolia”. O **Dario**, por sua vez, é “Suspensão de interesse pelo mundo”. Como **Adjuvante** temos a “falta do O.D”. Novamente não há um **Oponente** nesse nosso percurso. Johnny para obter o seu **OV2** propõe um “pega” na Curva do Diabo, por saber do perigo desta estrada. Essa ação depreciativa é decorrente do estado de melancolia, daí ter como **Dor** a “Melancolia”, que se sustenta pela falta de interesse pelo mundo (**Dario**). O interesse da autopunição do *eu* surge em Johnny pela perda o objeto de desejo, O.D., (**Adjuvante**).



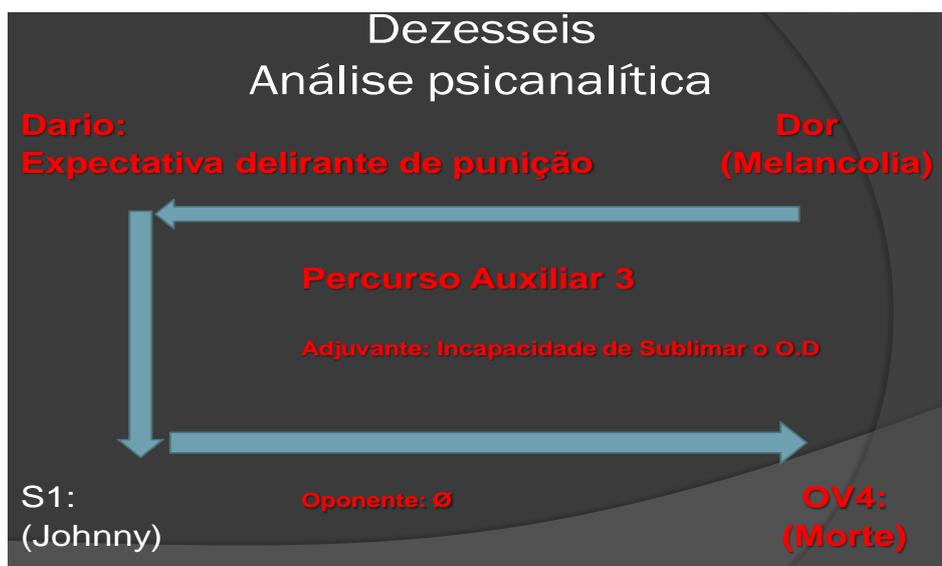
No Percurso Auxiliar 2, de base semiótica, vemos que o **S1** (Johnny) tem como **OV3** “MORRER”, mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** tem como **Dor** o “QUERER”. O **Dario**, por sua vez, é “SER AMADO”. Como **Adjuvante** temos o próprio **S1**, pois Johnny é o responsável pela conquista do **OV3**. Novamente não há um **Oponente** nesse nosso percurso.



No Percurso Auxiliar 2, de base psicanalítica, vemos que o **S1** (Johnny) tem como **OV3** “Fixação no O.D”, uma vez que o **S1** não consegue sublimar a perda do objeto de desejo. Mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** tem como **Dor** a “Melancolia”. O **Dario**, por sua vez, é “Perda da capacidade de amar”, justificado pela fixação no O.D perdido. Como **Adjuvante** temos o “Suicídio”, uma vez que, com a morte, Johnny conquistará o **OV3**, ficar preso ao objeto de amor (fixação). Novamente não há um **Oponente** nesse nosso percurso.



No Percurso Auxiliar 3, de base semiótica, vemos que o **S1** (Johnny) tem como **OV4** “SER”, mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** tem como **Dor** o “QUERER SER”. O **Dario**, por sua vez, é “Reconhecimento popular”. Como **Adjuvante** temos a “MORTE”. Novamente não há um **Oponente** nesse nosso percurso.



No Percurso Auxiliar 3, de base psicanalítica, vemos que o **S1** (Johnny) tem como **OV4** a “MORTE”, mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** tem como **Dor** a “Melancolia”. O **Dario**, por sua vez, é “Expectativa delirante de punição”. Como **Adjuvante** temos a “Incapacidade de sublimar o O.D”. Novamente não há um **Oponente** nesse nosso percurso.

De modo geral, observamos que o estado melancólico do **S1** (Johnny) conseguiu atingir o seu verdadeiro objeto de valor, a morte, pois não consegue superar a perda do objeto de desejo. Como movimento de repulsa ao *eu*, Johnny se envolve numa trama de autocastigo ao propor uma corrida em uma região perigosa com o intuito de suicidar-se e assim deixar um legado, ser sempre lembrado.

Na música “Dezesseis” fica evidente o movimento subjetivo do melancólico em relação ao objeto de desejo. Há nessa narrativa analisada a construção da punição do ego e a falta de interesse no convívio social ⁶, levando o personagem a cometer o ato punitivo da própria morte.

Destacamos que a morte pode até ser um grande objetivo do sujeito melancólico, mas nem sempre a saída do estado de melancolia se dá pela via mais trágica. Veremos na próxima música analisada, “Vento no litoral”, que por mais que haja uma cisão com os laços sociais, ao melancólico é possível a sublimação do objeto, vindo a restaurar o que foi perdido.

Vento no litoral: do luto à melancolia

A música “Vento no litoral” trata de uma perda da pessoa amada, que aqui nomeamos P.A., demonstrando uma flutuação entre o estado de luto e o de melancolia. Abordaremos a mesma metodologia de comparar um gráfico de abordagem semiótica e, em seguida, demonstraremos o equivalente psicanalítico da estrutura narrativa. A característica das estruturas narrativas que nos guia em nossa análise é que “As estruturas narrativas simulam, por conseguinte, tanto a história do homem em busca de valores ou à procura de sentido quanto a dos contratos e dos conflitos que marcam os relacionamentos humanos”. ⁷ (RODRIGUES, 2013, p. 2)

Dessa forma, focaremos nos conflitos de relacionamentos humanos marcados pela solidão causada pela perda da pessoa amada. O Eu-lírico, presente na música, revela o desespero da solidão, mas a bonança advinda da sublimação.

No Percurso Principal, de base semiótica, encontramos como **S1** o “Eu-lírico” que almeja possuir a pessoa amada, ou seja, o **OV1** é “TER P.A.”. Para obtenção do objeto de valor, **S1** tem com **Dor** a “Saudade” e como **Dario** a “Pessoa Amada (P.A.)”. O elemento que auxilia **S1** na conquista de “TER P.A.” é a “Lembrança”, ou seja, o seu **Adjuvante**. Porém, há um elemento que se opõe a essa conquista do **OV1**, o **Oponente**, caracterizado pela “Ausência”.

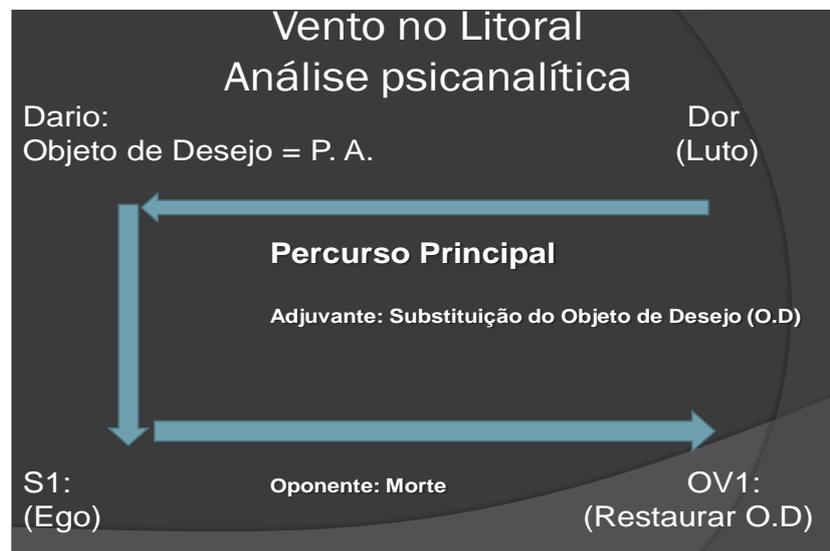
⁶ “Daí vem a importância do papel representado pelo melancólico, como um sujeito que *teria perdido seu lugar no laço social* e sente necessidade de reinventar-se, no campo da linguagem”. (KEHL, 2011, p. 27 – grifos da autora).

⁷ In material de aula: RODRIGUES, Hermano de França. *Esquema de estudo: Semiótica*.



O Eu-lírico demonstra o interesse em ter P.A., mas reconhece a dificuldade de obter êxito, devido à ausência (**Oponente**), como podemos ver no seguinte recorte: “Vai ser difícil sem você/Porque você está comigo/O tempo todo” (LEGIÃO URBANA).

No Percurso Principal, de base psicanalítica, observamos que o “Luto”, marcado como **Dor**, relacionado ao **Dario**, “Objeto de desejo = P.A.” movem o **S1** (Ego) a desejar “Restaurar o O.D”, ou seja, o **OV1** do **S1** é buscar ressignificar o objeto de desejo perdido. Para tanto, o **S1** se depara com dois elementos nessa estrutura narrativa: de um lado **S1** é auxiliado pela “Substituição do objeto de desejo (O.D.)”, o **Adjuvante**, em contra partida, sofre o bloqueio causado pelo **Oponente**, a “MORTE”.



No Percurso Auxiliar 1, de base semiótica, vemos que o **S1** (Eu-lírico) tem como **OV2** “Querer esquecer P.A.”, mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** tem como **Dor** a “Saudade”. O **Dario**, por sua vez, é a “Pessoa Amada (P.A.)”. Como **Adjuvante** temos o “Tentar morrer”, pois o Eu-lírico sente que com a morte ele pode acabar com o sofrimento de ter perdido P.A. , ou seja, tentar morrer seria responsável pela conquista do **OV2**. Como **Oponente**, nesse nosso percurso, temos a “Saudade” que impede o

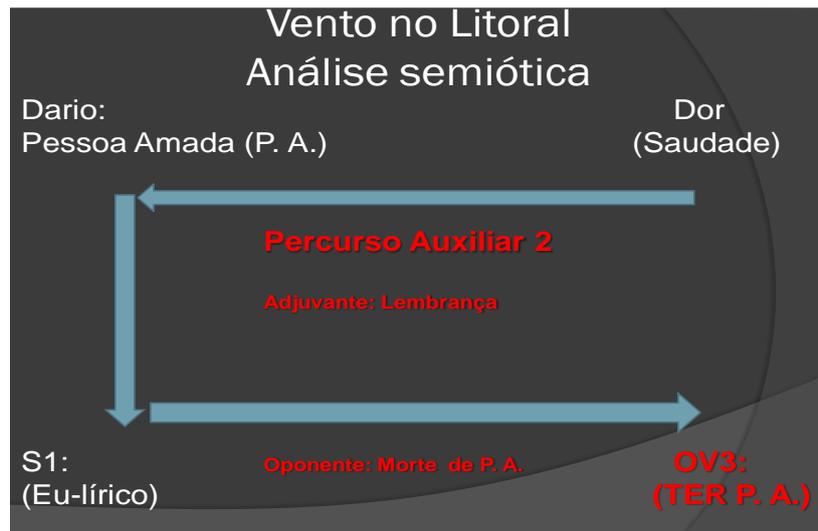
esquecimento de P.A. e a tentativa de morte, uma vez que, preso às lembranças, ao S1 cabe a fixação no objeto perdido.



No Percurso Auxiliar 1, de base psicanalítica, vemos que o S1 (Ego) tem como OV2 “Sublimar O.D”, mas para chegar ao seu objeto de valor, o S1 tem como Dor o “Luto”. O Dario, por sua vez, é o “Objeto de Desejo = P.A.”. Como Adjuvante temos a necessidade de “Restaurar O.D”. Mas, na contra mão da obtenção do OV2, temos um Oponente que é o estado de “Melancolia”, impedido o ego nesse processo de restauração para uma futura sublimação do O.D.



No Percurso Auxiliar 2, de base semiótica, vemos que o S1 (Eu-lírico) tem como OV3 “TER P.A.”, mas para chegar ao seu objeto de valor, o S1 tem como Dor a “Saudade”. O Dario é a “Pessoa Amada (P.A.)”. Como Adjuvante temos a “Lembrança” de P.A.. Porém, como Oponente, temos a “Morte de P.A.”, impossibilitando o S1 de ter o seu OV3.



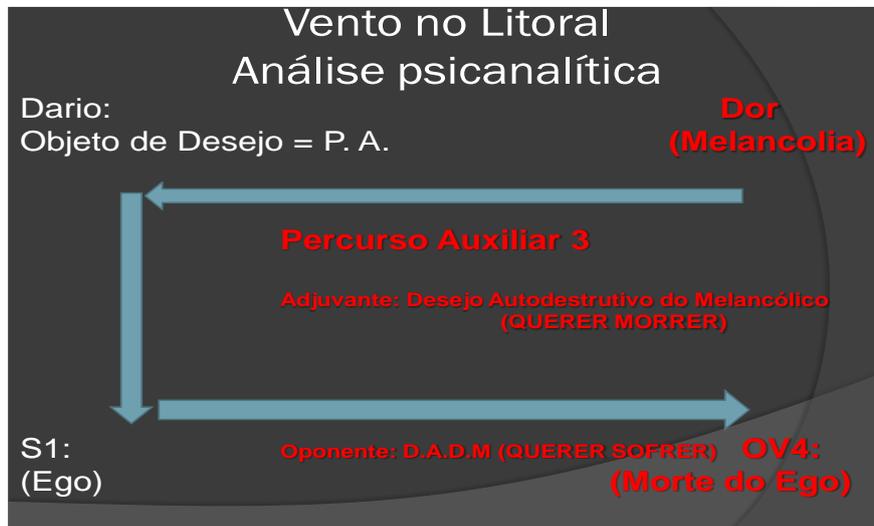
No Percurso Auxiliar 2, de base psicanalítica, vemos que o **S1** (Ego) tem como **OV3** a “TER o O.D”, mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** tem como **Dor** a “Melancolia”. O **Dario**, por sua vez, é “Objeto de Desejo = P.A.”. Como **Adjuvante** temos a “Fixação do Objeto (O.D)”. Como **Oponente**, nesse nosso percurso, temos a “Perda do O.D”, em oposição ao auxílio do **Adjuvante**.



No Percurso Auxiliar 3, de base semiótica, vemos que o **S1** (Eu-lírico) tem como **OV4** a “QUERER MORRER”, mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** tem como **Dor** a “Saudade”. O **Dario** é a “Pessoa Amada (P.A.)”. Como **Adjuvante** temos a “Saudade constante de P.A.”. E como **Oponente** temos o “Amor”, que move o **S1** a não cometer o suicídio.



No Percurso Auxiliar 3, de base psicanalítica, vemos que o **S1** (Ego) tem como **OV4** a “Morte do Ego”, mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** tem como **Dor** a “Melancolia”. O **Dario**, por sua vez, é “Objeto de Desejo = P.A.”. Como **Adjuvante** temos a “Desejo Autodestrutivo do Melancólico (QUERER MORRER)”, auxiliando na trajetória autopunitiva característica da melancolia. O **Oponente** nessa relação é o próprio “Desejo Autodestrutivo do Melancólico (QUERER SOFRER)”.



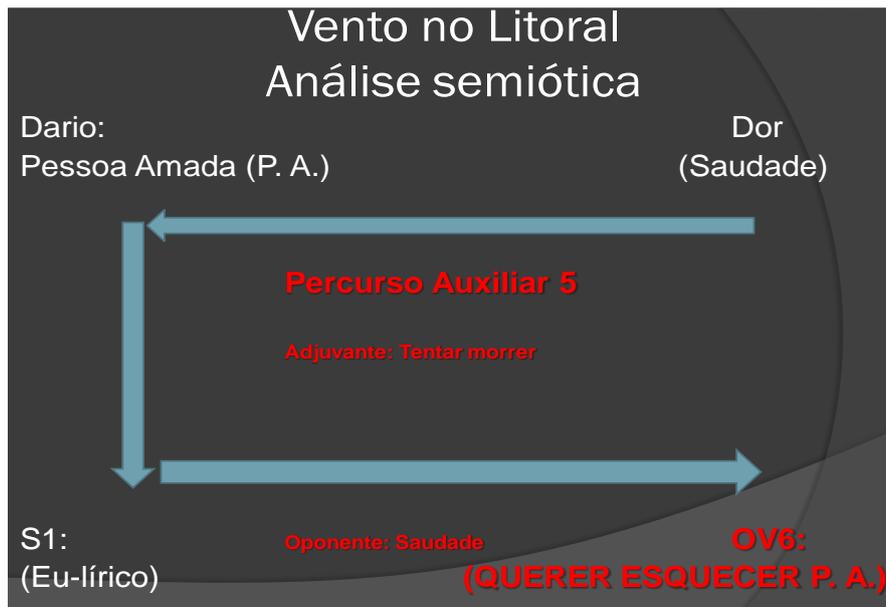
No Percurso Auxiliar 4, de base semiótica, vemos que o **S1** (Eu-lírico) tem como **OV5** “QUERER SER FELIZ”, como podemos observar no recorte: “Quero ser feliz ao menos/Lembra que o plano/Era ficarmos bem...” (LEGIÃO URBANA), mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** tem como **Dor** a “Saudade”. O **Dario** é a “Pessoa Amada (P.A.)”. Como **Adjuvante** temos o “Amor por P.A.”. E como **Oponente** temos a “Saudade de P.A.”, que impede o **S1** de ser feliz.



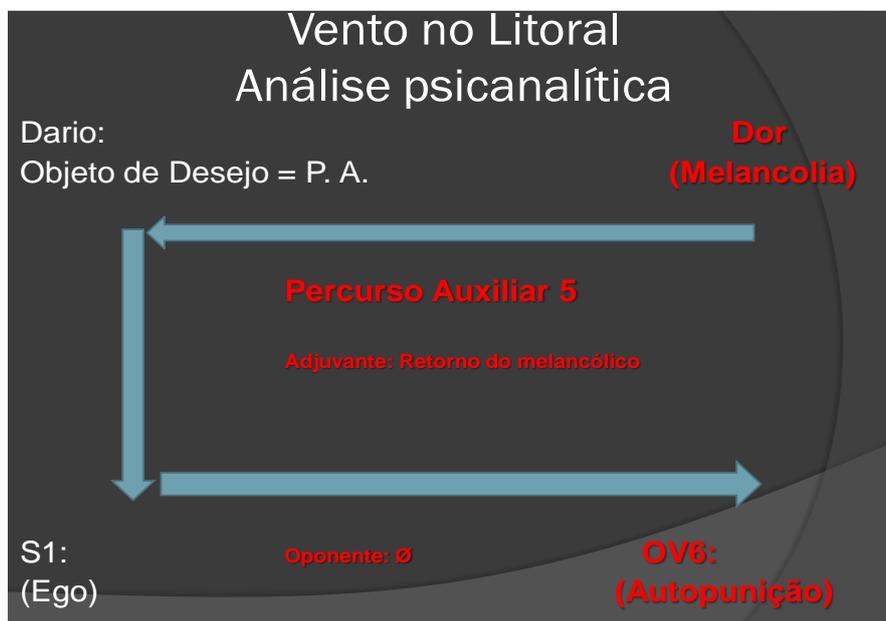
No Percurso Auxiliar 4, de base psicanalítica, vemos que o **S1** (Ego) tem como **OV5** “Substituição do O.D”, mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** tem como **Dor** a “Melancolia”. O **Dario**, por sua vez, é “Objeto de Desejo = P.A.”. Como **Adjuvante** temos o espaço vazio, pois não há nenhum elemento narrativo auxiliando na trajetória do **S1** para obtenção do **OV5**. O **Oponente** nessa relação é o próprio “Fixação no objeto”, impedindo que **S1** consiga substituir o O.D.



No Percurso Auxiliar 5, de base semiótica, vemos que o **S1** (Eu-lírico) tem como **OV6** “QUERER ESQUECER P.A.”, como podemos observar no recorte: “Já que você não está aqui/O que posso fazer/É cuidar de mim” (LEGIÃO URBANA), mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** tem como **Dor** a “Saudade”. O **Dario** é a “Pessoa Amada (P.A.)”. Como **Adjuvante** temos o “Tentar Morrer”. E como **Oponente** temos a “Saudade de P.A.”, que impede o **S1** de esquecer P.A..



No Percurso Auxiliar 5, de base psicanalítica, vemos que o **S1** (Ego) tem como **OV6** “Autopunição”, mas para chegar ao seu objeto de valor, o **S1** tem como **Dor** a “Melancolia”. O **Dario**, por sua vez, é “Objeto de Desejo = P.A.”. Como **Adjuvante** temos o “Retorno do melancólico”⁸, uma vez que devido ao retorno ao objeto de desejo (fixação), o **S1** se aproxima do **OV6**. O **Oponente** nessa relação é o vazio, pois nada está impedindo que **S1** consiga obter o **OV6**.



⁸ “Durante o episódio melancólico, inúmeras batalhas se travam entre o impulso para abandonar o objeto e o seu oposto, a tendência da libido em se manter ligada a ele.” (KEHL, 2011, p. 21)

Considerações finais

Nomeamos o artigo de **Luto e Melancolia nas músicas de Legião Urbana: “DEZESSEIS” e “VENTO NO LITORAL”** por acreditarmos que tanto do lado da linguagem como do lado da constituição psíquica, as músicas nos revelam nuances de flutuações da linguagem e do inconsciente.

Percebemos que, no que diz respeito à linguagem, os sujeitos **S1** se mantêm na estrutura narrativa em busca de obter o **OV** (objeto de valor). O que surpreendeu em nossa análise foi que, no caso da música “Dezesseis”, não há a presença em nenhuma dos gráficos semióticos do **Oponente**, pois verificamos que na estrutura narrativa nenhum elemento se opõe ao sujeito no percurso em direção ao objeto de valor. Essa característica (re)vela que, de acordo com a construção narrativa da história de Johnny, o tempo todo ele atingiu os seus objetos (“Querer ter”, “Super pega na curva do Diabo”, “Morrer” e “Ser”). As flutuações existiam mesmo nos outros elementos responsáveis pelo fluxo do percurso: **Dor, Dario e Adjuvante**.

Na música “Vento no Litoral”, percebemos que as flutuações não ocorrem em todos os elementos que compõem os percursos Principais e Auxiliares. Tanto o **Dor** como o **Dario** se mantêm fixos, uma vez que são motivadores específicos do processo de falta decorrente da perda da pessoa amada (P.A.). Por sua vez, há a presença do **Oponente** em todos os percursos, demonstrando a dualidade presente (**Adjuvante vs. Oponente**) no fluxo do percurso semiótico.

No que concerne aos estados psíquicos de enlutamento e melancolia, na música “Dezesseis”, verificamos que as flutuações linguísticas revelam a oscilação no **Dario**, no **Adjuvante** e no **OV**. O que diferencia a análise psicanalítica é que vemos o **Dor** fixo (“Melancolia”), uma vez que o “gatilho” que move o percurso é sempre o estado melancólico de Johnny. Novamente, não identificamos nenhum **Oponente** na estrutura, pois o **S1** (Johnny) obtém êxito em atingir o **OV**, tais como: a subtração inconsciente do seu objeto de desejo, agressões ao próprio corpo como forma de punição do ego, *e eu*.

Na música “Vento no Litoral”, observamos outra flutuação presente na psique de **S1** (Ego) que é o ato de reinvenção simbólica a que se propõe, ou seja, após superar o encapsulamento do luto, **S1** pode transferir o desejo de amor para um outro objeto. Essa substituição não é um ato consciente, pois as associações realizadas pelo sujeito melancólico extrapolam a simples correlação objeto perdido/objeto reinventado. Ao reinventar o objeto de desejo (amor), **S1** mantém a atitude sádica de se castigar **OV6** “Autopunição”, uma vez que, segundo Freud, “O doente descreve o seu ego como indigno, incapaz e moralmente desprezível; ele se recrimina, se insulta e espera ser rejeitado e castigado.” (FREUD, 2011 [1917], p. 53).

Referências

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Nayfe, 2011 [1917].

KEHL, Maria Rita. “Melancolia e criação”. In: FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Nayfe, 2011 [1917], pp. 8-31.

RODRIGUES, Hermano de França. *Esquema de estudo: Semiótica*. (material de aula). 2013.